

**ANTUNES, R. O privilégio da servidão: o novo proletariado de serviços na era digital.** São Paulo: Boitempo, 2018.

**Fredi dos Santos Bento<sup>1</sup>**  
*fredi.sousuke@gmail.com*

Ricardo Antunes, brasileiro, é professor titular de sociologia do trabalho no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas (IFCH/UNICAMP). É autor de inúmeros livros, com destaque para *Os sentidos do trabalho* (Boitempo, publicado em diversos países) e *Adeus ao trabalho?* (Cortez). Foi organizador dos três volumes de *Riqueza e miséria do trabalho no Brasil* (Boitempo). Publica em revistas acadêmicas no Brasil e no exterior.

Assim, a obra *O privilégio da servidão: o novo proletariado de serviços na era digital* é resultado de um amplo trabalho de pesquisa empreendido pelo autor. O livro reúne um conjunto de artigos científicos de sua autoria, textos inéditos e outros publicados em revistas no Brasil e no exterior. O autor reviu os textos publicados previamente para que se integrassem à presente obra.

Antunes dá continuidade à sua linha de pesquisa em que busca compreender a **nova morfologia do trabalho**. Ele nos oferece questionamentos sobre quem efetivamente é a classe trabalhadora no século XXI, em um contexto de dupla face do trabalho, com suas heterogeneidades e fragmentações. A obra trata dessa questão relevante em um momento em que se permite falar em **uberização** e **pejotização** do trabalho, com o florescimento de uma nova modalidade de trabalhador: o escravo digital.

O autor procura oferecer respostas a questionamentos como: “Por que o labor humano tem sido, predominantemente, espaço de sujeição, sofrimento, desumanização e precarização”? Além disso, por que, “o trabalho carrega consigo coágulos de sociabilidade, tece laços de solidariedade, oferece impulsão para rebeldia e anseio pela emancipação?” (p. 23). Esses e outros questionamentos são respondidos ao longo do texto que chega em boa

---

<sup>1</sup> Professor Licenciado, Bacharel e Mestre em Geografia pela Faculdade de Ciências e Tecnologia (FCT) UNESP, Campus de Presidente Prudente-SP. É também membro do Centro de Estudos de Geografia do Trabalho (CEGeT).

hora diante do cenário aterrador que se desenha para a classe-que-vive-do-trabalho no Brasil e no mundo.

A obra é marcada por uma investigação sociológica concreta e rigorosa, fundamentada empiricamente por meio de pesquisas realizadas no âmbito de sua vivência acadêmica. O autor usou viagens, entrevistas, revisão bibliográfica ampla e irrestrita, pesquisas de campo e dados estatísticos. Cientista social marxista, Antunes não omite sua opção socialista em seus textos.

O autor apresenta nesta nova obra muito mais que esclarecimentos a respeito do novo proletariado de serviços na era digital. Avança também entendimentos que nos possibilitam compreender a nova morfologia da classe trabalhadora neste início de século em meio a uma sociedade dos adoecimentos, uma sociedade que tem a precarização como regra e é pautada pela terceirização total. Antunes lança luz sobre os acontecimentos que marcam a recente devastação do trabalho no Brasil, no que o autor entende como uma “era de conciliações, rebeliões e contrarrevoluções” (p. 217) nos últimos governos.

Apesar de conter alguns textos reescritos, Antunes dá fôlego novo à discussão empreendida, com muitos textos novos somados a estes e ao compilá-los o autor divide a obra em quatro partes. A primeira (contendo seis capítulos) se refere ao advento do proletariado na era digital, com digressões sobre o novo proletariado de serviços, o trabalho informal e imaterial, a nova classe trabalhadora, terceirizada. A regra é a precarização do trabalho desses grupos sociais.

Na segunda parte, Antunes analisa a devastação do trabalho no Brasil em meio à precarização, à terceirização e à crise do sindicalismo nas últimas quatro décadas. Isso leva ao cenário apresentado na terceira parte, adjetivada como a “era das conciliações, rebeliões e contrarrevoluções”. Ele explana em respeito a crise brasileira nos últimos governos, passando pelas rebeliões de junho de 2013, o golpe midiático-parlamentar-judiciário que levou ao *impeachment* da presidente Dilma Rousseff em 2016 e a contrarrevolução neoliberal promovida pelo governo de Michel Temer, com destaque para o desmonte da legislação social do trabalho.

Na quarta parte, Antunes indaga se há uma luz no fim do túnel. Ele nos convida a pensar o cenário atual bem como a centralidade das lutas sociais que têm como objetivo alcançar um novo modo de vida neste início do século XXI.

O texto propicia um debate sobre as teses que marcam o fim do trabalho, com o crescimento exponencial da escravidão digital, em meio ao desemprego e ao privilégio da servidão. Antunes ajuda a esclarecer um debate sociológico que marca as discussões teóricas no âmbito do marxismo sobre quem é de fato a classe trabalhadora. O autor propõe a necessidade de incorporarmos ao conceito de classe trabalhadora a totalidade de trabalhadores e trabalhadoras - os segmentos do proletariado rural, dos chamados boias-frias, do proletariado precarizado, dos trabalhadores fabris e de serviços, dos empregados *part time*, dos trabalhadores temporários, dos trabalhadores subempregados na informalidade e dos desempregados (p. 91).

Em contrapartida, apesar de o livro ter como ponto fulcral o que o autor denomina **privilégio da servidão**, ele nos permite empreender reflexões a respeito do mundo do trabalho no contexto da reestruturação produtiva do capital a partir da década de 1970 ao tempo presente. Esse contexto inclui os desdobramentos econômicos, sociais, políticos e institucionais que nos levam ao cenário atual, de forte precarização estrutural do trabalho. A informalidade se tornou um aspecto estruturante do trabalho no Brasil.

Antunes, ao tratar do Brasil, apresenta um debate interessante no campo sociológico. Ele lida com o argumento contumaz daqueles que acreditam nas teses sobre o fim do modelo socialista - o da realização da lei do valor. O autor mostra que neste início do século XXI, não é o fim, mas o crescimento de novas formas de realização da mesma, a partir de “mecanismos complexos de extração do mais-valor, tanto nas esferas da produção material quanto nas atividades imateriais” (p. 47).

É em meio a este cenário que a sua obra sublinha a importância de se defender a centralidade do trabalho neste início de século, dada a sua constante desregulamentação e informalização. O rebatimento principal desses fenômenos é a “dissociabilidade destrutiva no espaço de trabalho que procura dilapidar todos os laços de solidariedade e de ação coletiva” (p. 105), que o autor aborda ao tratar da realidade brasileira, marcada pela terceirização enquanto “fio condutor da precarização do trabalho no país” (p. 163).

Esta nova obra de Ricardo Antunes aprofunda o questionamento do mundo do trabalho neste início de século, pautado pelo privilégio da servidão. Ela é fundamental enquanto arcabouço teórico para aqueles e aquelas que buscam combater essa realidade, tarefa que só pode ser empreendida a partir da recuperação do desafio da emancipação.

A obra chega assim em boa hora, diante dos desafios que se colocam não apenas para pensarmos o trabalho, como também para entendermos os projetos de sociedade que estão em curso na sociedade brasileira no apagar das luzes desta segunda década do século XXI.

A leitura desta obra, além de enriquecedora do ponto de vista das teses colocadas pelo autor, é valorizada também pelo rigoroso trabalho empírico e permite a compreensão dos problemas que enfrentamos neste início do século no que tange ao mundo do trabalho têm rebatimentos nas últimas quatro décadas. Isso **permite** afirmar a tese de que estamos imersos em uma crise estrutural do capital.

A obra em questão se destina àqueles e àquelas que se sentem problematizados pelos desafios que perpassam a devastação do trabalho no século XXI sob a era digital, sejam estudantes de graduação e pós-graduação, estudiosos do mundo do trabalho, professores, políticos, militantes, e todos e todas que têm interesse neste temário!

### **Referência bibliográfica**

ANTUNES, Ricardo. **O privilégio da servidão**: o novo proletariado de serviços na era digital. São Paulo: Boitempo, 2018. 328p. ISBN: 978-85-7559-629-6.

Submetido em janeiro de 2020

Aceito em março de 2020